

# RESENHA: DEPOIS DA TEORIA

Fábio Prikladnicki<sup>1</sup>

No primeiro capítulo de seu livro *Depois da teoria*<sup>2</sup>, publicado pela primeira vez em inglês em 2003, Terry Eagleton mostra-se desiludido. Autor de uma das mais populares introduções à teoria da literatura na Europa e nas Américas<sup>3</sup>, de 1983, ele foi um dos responsáveis por conscientizar diversas gerações de que toda teoria é política. Vinte anos depois, ele lamenta os rumos tomados por esta mesma teoria. O que há com alunos que estudam não a política do Oriente Médio, mas a política de masturbação; não o corpo faminto, mas o corpo erótico; não a filosofia francesa, mas o *frech kiss* (o popular beijo de língua)? Embora um dos méritos da teoria recente tenha sido colocar na agenda assuntos antes considerados menores ou irrelevantes, chegou-se, talvez, em um ponto de saturação que demanda novas reflexões.

“A idade de ouro da teoria cultural há muito já passou” (p. 13), afirma Eagleton no início de *Depois da teoria*. É hora, enfim, de avaliar suas perdas e seus ganhos. Isso não significa, por outro lado, regressar a uma era pré-teórica, em que se possa pensar o mundo e a cultura de forma inocente, celebrando ingenuamente a beleza da arte e o amor à literatura. Mas tampouco é possível, sustenta Eagleton, continuar pensando a cultura a partir das mesmas premissas estabelecidas por determinadas vertentes dos estudos culturais e do pós-modernismo.

Nesse sentido, seu livro está em consonância com uma forte preocupação nos meios intelectuais nos últimos anos: a sensação de que a teoria (ou a filosofia) não dá conta dos assuntos mais prementes, experimentando um constrangedor sentimento de impotência frente ao fundamentalismo religioso e ao terrorismo crescente. Os atentados de 11 de setembro de 2001, por exemplo, mobilizaram Jürgen Habermas e Jacques Derrida, pensadores tidos como adversários, a debater conjuntamente soluções para o terror<sup>4</sup>. Pode-se dizer que *Depois da teoria* compreende um movimento similar em torno de uma compreensão do aparentemente incompreensível.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Literatura Cinparada- Universidade Federal do Rio Grande do Sul

<sup>2</sup> EAGLETON, Terry. *Depois da teoria: um olhar sobre os Estudos Culturais e o pós-modernismo*. Trad.: Maria Lucia Oliveira. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2005. p. 304.

<sup>3</sup> EAGLETON, Terry. *Teoria da literatura: uma introdução*. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Publicado pela primeira vez no Brasil, em português, em 1985.

<sup>4</sup> BORRADORI, Giovanna. *Filosofia em tempo de terror: diálogos com Habermas e Derrida*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2004.

O fundamentalismo não é a questão central para Eagleton, mas não é sem uma dose de ironia que o terror em nome de textos sagrados que inaugura o século XXI tenha surgido poucas décadas depois dos pensadores pós-modernos terem decretado o fim das grandes narrativas. Contudo, a primeira vez em que Lyotard se refere a grandes narrativas, lembra o autor na pág. 61, o faz com referência ao marxismo, e aí sim temos uma importante diretriz. Desta forma, Eagleton acredita ser pertinente retomar idéias que despertaram ceticismo por parte da teoria cultural, como moralidade, metafísica, amor, biologia, religião, revolução, o mal, morte, sofrimento, essenciais, universais, fundamentos, verdade, objetividade e ação desinteressada (p. 144).

Estruturalmente, o livro é dividido em oito capítulos. Os primeiros quatro são dedicados a um pequeno apanhado histórico da teoria recente (a partir da década de 60), com um balanço crítico de suas “perdas e ganhos” (título do cap. 4). Os quatro demais capítulos pretendem refletir sobre questões fundamentais da história atual sob uma nova perspectiva, como indicam os títulos destes capítulos: “Verdade, virtude e objetividade”, “Moralidade”, “Revolução, fundamentos e fundamentalistas” e “A morte, o mal e o não-ser”.

A crítica ao pós-modernismo é feita, em boa parte, a partir de uma identificação de seus valores aos do capitalismo. Eagleton é portador de uma notável retórica, capaz de providenciar argumentações surpreendentes, embora não necessariamente convincentes em seu todo. “Tanto os pós-modernistas quanto os neoliberais suspeitam de normas públicas, valores intrínsecos, hierarquias dadas, padrões de autoridade, códigos consensuais e práticas tradicionais” (p. 50). Nada pode ser pior do que, pelas mãos do autor, ser comparado a um neoliberal. Ou melhor, pode, já que os neoliberais, segundo ele, “admitem que rejeitam tudo isso em nome do mercado” (idem). Os neoliberais teriam, portanto, pelo menos uma virtude que os pós-modernistas não poderiam ostentar: a da “consistência”. Subjaz, aqui, a idéia de que, ao descartar o socialismo de alguma forma como linha-mestra, o pós-modernismo possa representar para a cultura um pouco do que o capitalismo para a economia. Conforme o autor, se alguns líderes ocidentais “não tivessem caído em cima dele com tanta fúria em algum momento, o socialismo poderia ter erradicado algumas das injustiças que geram homens-bomba suicidas” (p. 83). Uma hipótese instigante, sem dúvida, mas também controversa. Difícil afirmar que o fundamentalismo islâmico teria um pouco menos de vontade de exterminar o mundo ocidental caso este fosse pautado por qualquer outra ideologia que não a do próprio fundamentalismo islâmico.

Eagleton, entretanto, faz importantes considerações teóricas que corrigem alguns exageros cometidos pelos pós-modernistas – bastante aproximados, em sua argumentação, dos pós-estruturalistas. Enfim, está-se falando em Foucault,

Lyotard, Deleuze, Lacan e Derrida, entre outros. Em vários momentos há menções não nomeadas a “relativistas” e “antiessencialistas”, rótulos genéricos que praticamente nenhum teórico, por motivos óbvios, abraçou. Apesar do aparente reducionismo, as críticas são bem-vindas principalmente para sanar neuroses eventualmente provocadas por idéias como a de que o sujeito não é uma unidade, não contém um centro, nem uma essência, e que além disso não há valores e nem verdades universais; tudo, enfim, seria contingente. Nem tanto ao mar, nem tanto à terra, argumenta Eagleton. Seria mesmo uma contradição em termos praticar um relativismo dogmático: não é possível sustentar que tudo é relativo sem considerar a relatividade desta própria asserção. Da mesma forma, o autor não afirma que toda verdade é uma verdade absoluta, mas que há verdades absolutas, assim como é possível falar em uma natureza do homem sem ser tachado de conservador. Daí que a “Natureza” (com maiúscula) pode ser, em alguns casos, mais flexível do que a cultura. “Provou-se muito mais fácil remover uma montanha do que mudar valores patriarcais” (p. 80).

Especificamente nos quatro últimos capítulos, o autor propõe reflexões que são maneiras de pensar a vida, mais do que a cultura, elaborando uma espécie particular de filosofia moral. Ele sabe que está resgatando conceitos que despertam, hoje, forte ceticismo na teoria cultural (embora não tanto na filosofia), a exemplo da idéia de virtude. Ou da idéia de felicidade: como podemos nos realizar como seres humanos? Eagleton não tem medo de parecer metafísico, exemplificando com o caso do jogador de futebol irlandês George Best, um dos melhores do mundo, que abandonou a carreira de esportista, levado pelo alcoolismo e pela vida de playboy. Para o autor, a maneira de Best ter “genuinamente se realizado” seria continuando a jogar futebol. “Não teria sido agradável o tempo todo e, sem dúvida, muitas vezes iria sentir-se descontente; mas teria sido a melhor maneira de prosperar. Jogar futebol seria a opção moral” (p. 161). Ironia ou não, Best morreu em novembro de 2005, dois anos após a publicação do livro.

O autor apresenta, portanto, uma proposta de reflexão sobre questões que julga mais urgentes e atuais do que, por exemplo, a fixação ou a flutuação dos significados (como se uma coisa não implicasse a outra). O argumento é claro: “Com o deslanchar de uma nova narrativa global do capitalismo, junto com a chamada guerra ao terror, pode muito bem ser que o estilo de pensamento conhecido como pós-modernismo esteja agora se aproximando de um fim” (p. 297). É preciso ir além, ele argumenta, das mesmas narrativas do tríptico classe-raça-gênero que tem sido diretriz de boa parte do pensamento cultural recente – e apesar de sua inegável importância. O título do livro desdobra-se, assim, em uma pergunta: se a teoria como a conhecemos chegou a um ponto de esgotamento, o que vem depois?